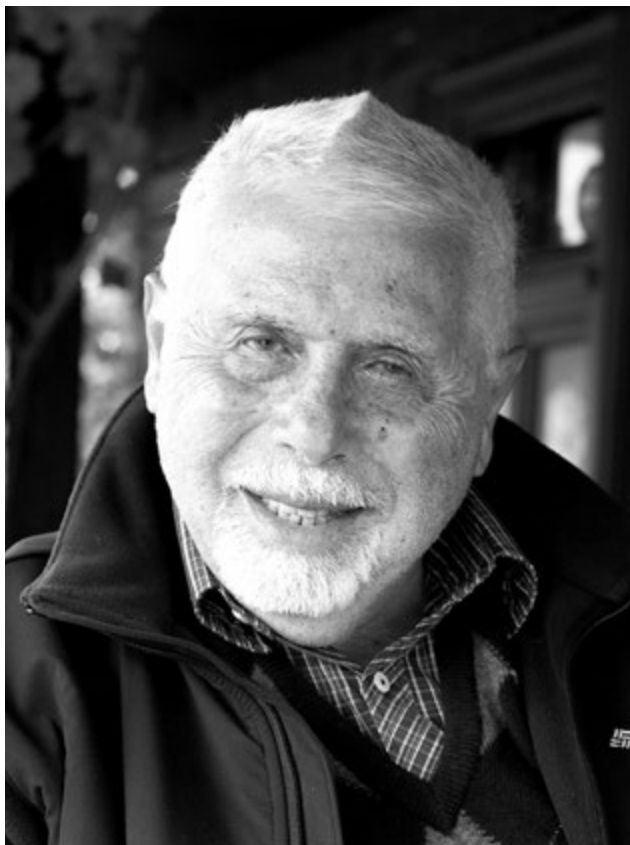


ISRAEL APTER¹

(Borşa, Romênia, 1928)



Israel Apter durante viagem à Romênia. Viçeu
de Sus, 2014.

Fotografia de Ary Diesendruck. Acervo: Apter/
SP; Arqshoah/Leer-USP.

1 Entrevista concedida por Israel Apter a Rachel Mizrahi e Ana Carolina Duarte, da equipe de História Oral do projeto Arqshoah. S. Paulo, 18 de agosto de 2011. Transcrição: Paulo Henrique de Brito, com revisão de Raíssa Alonso. Transcrição: Rachel Mizrahi e Maria Luiza Tucci Carneiro. Pesquisa complementar: Blima Lorber e Tucci Carneiro. Iconografia: Nanci do Nascimento. Informações sobre a família: Edith Apter e Ary Diesendruck. Arqshoah/Leer-USP.

Minhas raízes romeno-judaicas

Meu nome é Israel Apter, que em hebraico/iídiche* tem o nome de Yacov. Nasci em Borşa, no dia 15 de dezembro de 1928, uma cidade (*oraş*) do distrito (*judet*) de Maramureş, ao norte da Romênia.^A Sou filho de Moishe (Moiszes) Menachem Apter (1890-1944) e Eke (Ethel) Saks Apter, ambos nascidos em Borşa, que naquela época fazia parte do Império Austro-Húngaro. Meus irmãos, nascidos na mesma cidade, chamavam-se: Blime ou Bluma Apter Werzberger (1918-?) Risse Bigel (1891-?), Perel Apter Grinshpan (1925-?), Sara (Apter) Kaminkern (1923-?) e Yacov Apter (1932-1944), o mais novo.^B



Borşa, na Romênia, cidade natal de Israel Apter.
Google Maps.

A- Borşa está localizado no vale do rio Vişeu, no sopé das montanhas Rodna, no norte da Romênia, fazendo parte de Maramureş, um distrito (*judet*) da Romênia, na região histórica homônima, cuja parte romena faz parte da Transilvânia, uma região geográfica, histórica e cultural ao norte da Romênia e a oeste da Ucrânia. A capital é a cidade de Baia Mare. Situa-se no nordeste dos Cárpatos, ao longo do alto rio Tisa, cobrindo a Depressão Maramureş e as montanhas dos Cárpatos circundantes. Alternativamente, o termo Maramureş também é usado para o condado de Maramureş, na Romênia. Em 2011 o distrito tinha 461.290 habitantes, sendo 82,02% romenos, 9,07% húngaros, 6,67% ucranianos, 1,74% ciganos e 0,39% alemães.

B- Os pais de Israel Apter, Moishe (Moiszes) Menachem Apter e Eke (Ethel) Saks Apter, assim como seus irmãos Yacov e Blime, morreram no Holocausto, provavelmente em 1944. Anos depois, Perel registrou os nomes dos familiares na Base de Dados do Yad Vashem. Disponível em: https://yvng.yadvashem.org/index.html?language=en&advancedSearch=true&sln_value=Apter%20Grinshpan&sln_type=synonyms&sfn_value=Perel&sfn_type=synonyms. Acesso em: 5 out. 2020. Sara registrou seu testemunho para a *Shoah Foundation*.

Nossa cidade natal tinha uma população de cerca de quatro mil pessoas em 1928, a maioria judeus. Tanto assim que mesmo quem não era de origem judaica, falava o iídiche também. Os não judeus eram lavradores que moravam nos sítios ou nas montanhas onde criavam gado. Os judeus viviam nas terras baixas, sendo proprietários de madeiras



A localidade esquecida de Maramureș (distrito), na Romênia, espremida em um vale entre as montanhas de Oas, Gutâi, Tibes e Rodnei (ao sul e oeste), e entre as montanhas de Maramureș e os Cárpatos Ucrânicos (ao norte e leste). Fotografia não identificada. Disponível em: <https://www.worldtravelbug.com/the-best-trip-to-romania-part-ii/>. Acesso em: 5 out. 2020.

e serrarias. Meu pai era funcionário de uma serraria chamada *Vertesh Fruchter*. Tínhamos diversas sinagogas, grandes e pequenas, porque quando um grupo brigava, abria outra sinagoga, sendo alguns ferrenhos religiosos. No *Shabat**, respeitando o “dia do descanso”, era fechado. Até os comunistas vinham rezar, porque não tinham para onde ir. Uma de minhas irmãs, a mais nova, faleceu em Auschwitz. Eu falava iídiche e, pela manhã, estudava na escola pública.

Minha mãe tinha um irmão, Yossef Saks, cujo diminutivo carinhoso para o seu nome era “Yoji”. Nessa região da Romênia, que em determinado momento fez parte da Hungria, falava-se o húngaro. Daí ele ser chamado de Yojibat, pois “batche” em húngaro quer dizer tio. Ele residia em Arad onde era proprietário de um armazém de compra e venda de bebidas, ou seja, estava bem de vida e era um amante da fotografia. Tanto é que a única fotografia da família que temos, quando eu ainda era criança, foi tirada por ele durante um passeio a uma mina de águas minerais nos arredores de Borșa.

Sob a ocupação nazista

Até 1939, a Romênia manteve uma posição de neutralidade para, em seguida, unir-se a Hitler, sendo que uma parte ficou com a Hungria. Assim, passamos a pertencer à Hungria e fomos obrigados a aprender a falar o húngaro.^A



Território da Romênia em 1933. *Enciclopédia do Holocausto*. United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/map/romania-1933>. Acesso em: 21 ago. 2020.

Naquela época, meu irmão mais velho já estava vivendo no Brasil, e os demais permaneceram na velha Romênia, inclusive meu irmão mais jovem, Yacov. Fiquei com meus pais e minhas irmãs Blime e Sara. Os meus irmãos mais velhos começaram a trabalhar, quando, de repente, veio guerra, a fronteira foi fechada e ninguém passava mais de um lado para o outro. Nesta época eu tinha onze anos. De início, os húngaros eram razoáveis, até o momento que foram implementadas as leis antisemitas, dando início às perseguições e o confisco de dinheiro dos judeus. A situação econômica dos judeus residentes na zona ocupada

A- Em 1940, Borşa passou a integrar o distrito do norte da Transilvânia como parte da Hungria. A introdução da legislação antijudaica levou à proibição de atividades econômicas e ao recrutamento de homens para destacamentos de trabalhos forçados. Desde os tempos da Grande Depressão, a Hungria manteve estreitas relações comerciais com a Itália e Alemanha. No final da década de 1930, a Hungria passou a se beneficiar de sua relação com os países do Eixo e, com a ajuda da Alemanha, conseguiu negociar assentamentos em disputas territoriais com a Tchecoslováquia, Eslovaca e Romênia. Em 1941, pressionada pela Alemanha, a Hungria se uniu oficialmente ao Eixo, lutando na guerra, ao lado dos nazistas na invasão da Iugoslávia e na Operação Barbarossa. Em plena batalha com os soviéticos, o governo húngaro começou a negociar um armistício com a Inglaterra para se resguardar em relação à derrota iminente. Hitler descobriu essa traição e, em março de 1944, ordenou a ocupação do território húngaro. Quando as forças soviéticas começaram a ameaçar a Hungria, um armistício entre os dois países foi assinado pelo regente Horthy, mas o acordo foi desfeito.

pela Hungria manteve-se a mesma, divididos entre ricos e pobres. A maioria era pobre: profissionais liberais, ferreiros, carpinteiros, sapateiros, cocheiros e assim por diante.^A

Naquela época, o governo não podia viver sem o trabalho dos judeus, que eram profissionais capacitados. As leis antisemitas eram restritivas à comunidade, uma forma estratégica de confiscar o dinheiro dos judeus valendo-se dos registros pessoais. Para ser considerado cidadão romeno era preciso comprovar que o tetravô era da Romênia. No inverno, tentaram colocar um grupo de judeus nos Cárpatos, na fronteira com a Polônia, em uma região a dois ou três mil metros de altura. Morreram antes de chegar ao local, fragilizados pela fome e pelo congelamento. Um sobrevivente voltou e contou a história na sinagoga, pois nessa época não tínhamos rádio, jornal, nada. Era na sinagoga que todos sabiam sobre tudo o que se passava no mundo. Imaginem que na cidade nem luz havia.

Quando tudo mudou

Tudo começou a mudar em 1938 quando a Hungria ficou sob a regência de Miklós Horthy^B, posicionando-se como aliada dos nazistas e aprovando várias leis antisemitas. O exército romeno costumava castigar os judeus que estavam na parte da Romênia, agora ocupada pelo exército húngaro, mas sem entregá-los aos alemães e sem expulsá-los de suas casas.^C

Tudo mudou mais ainda quando em março de 1944, o exército alemão chegou e assumiu o controle do país. Até então ali estava apenas o exército húngaro, e os russos estavam na antiga região da Bucovina, agora Moldávia. Os alemães

A- Em 1930, a Romênia tinha cerca de 728 mil judeus, ou 4% da população. Apesar de relativamente pequena, a comunidade judaica era malvista, e sofria com a perseguição da Guarda de Ferro, movimento político de ideais fascistas que tomou forma no país em 1927 com Corneliu Codreanu à frente. Neste contexto, uma aliança de extrema direita levou ao poder, como primeiro-ministro da Romênia, em 1940, o general Ion Antonescu, notável antisemita. Ele governou o país entre setembro de 1940 e agosto de 1944. Com Antonescu no comando, a Romênia aliou-se aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) em 20 de novembro de 1940.

B- Miklós Horthy de Nagybánya nasceu em 18 de junho de 1868 em Kenderes, na Hungria. Foi um almirante e estadista húngaro, regente do Reino da Hungria no período entreguerras e durante grande parte da Segunda Guerra Mundial. Miklós, em nome da Hungria, liderou as invasões da URSS e da Iugoslávia, contribuiu com os esforços de guerra e a deportação de judeus húngaros, opondo-se a um acordo de paz com os Aliados. Os alemães invadiram a Hungria e tomaram o controle do país em março de 1944, sendo Miklós forçado a renunciar. Foi preso e levado para a Alemanha, lá permanecendo até o final da guerra, quando foi libertado. Faleceu em Estoril, Portugal, em 9 de fevereiro de 1957.

C- Entre 1938 e 1941, Miklós Horthy aprovou as seguintes medidas antisemitas seguindo as Leis de Nuremberg: **29 de maio de 1938** – restringiu a 20% o número de judeus em cada empresa comercial, na imprensa, e entre médicos, engenheiros e advogados; **5 de maio de 1939** – definiu racialmente os judeus: pessoas com pelo menos 2 avós judeus foram declaradas judias, sendo proibidas de ocuparem cargos no governo e de serem editores de jornais, além de ter restringido a 6% os judeus entre os atores de teatro e cinema, médicos, advogados e engenheiros. As empresas privadas foram proibidas de empregar mais de 12% de funcionários judeus. Cerca de 250 mil judeus húngaros perderam os seus rendimentos, e a maioria também o seu direito de voto; **8 de agosto de 1941** – a “Terceira Lei Judaica” proibiu os casamentos mistos e penalizou as relações sexuais entre judeus e não judeus.



Perdas territoriais da Romênia em 1940, indicando as regiões ocupadas pela Hungria e URSS. Ilustração: © Redtony, 2007. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rom%C3%A2nia_na_Segunda_Guerra_Mundial#/media/Ficheiro:Romania_wwII.svg. Acesso em: 19 out. 2020.

que haviam invadido a Hungria, ameaçavam nos levar para os guetos e campos de concentração. Meu pai passou a ser um simples operário e eu comecei a trabalhar duro aos treze anos de idade. Fiz meu *Bar Mitzvá** pouco antes de ser levado por oficiais húngaros para o gueto, comemorado com bolo e vodca. Fomos levados a pé para o gueto de Vişeu de Sus^A, caminhando durante um dia e toda a noite, debaixo de uma chuva torrencial, com as crianças.

Chegando ao gueto, onde tínhamos uns parentes distantes, pudemos encostar e dormir no chão. Os não judeus não nos ajudavam. Diziam: “Olha, eles vão matar vocês; entreguem tudo para nós, porque vocês não irão sobreviver mesmo”. Ninguém sabia de nada, mas todos se identificavam com a religião judaica, observando o *Shabat** e os alimentos *kasher**.

A- Vişeu de Sus é uma cidade (*oraş*) situada no nordeste da parte romena do distrito de Maramureş, que faz parte da Transilvânia, sendo limitado a nordeste pela Ucrânia. A cidade fica num vale estreito próximo à confluência do rio Visei (afluente do Tisa) com o rio Vaser, entre os montes Maramureş, ao norte, e os *Muntii Rodnei*, ao sul. A primeira menção escrita da cidade data de 2 de fevereiro de 1365, sendo o atual nome mencionado pela primeira vez em 1385 e em 1489. No século XVIII, conheceu uma importante colonização germânica e, até 1920, fez parte do Condado de Máramaros do Reino da Hungria e do Império Austro-Húngaro, quando foi integrada à Romênia pelo Tratado de Trianon. Entre 1941 e 1944 foi novamente anexada pela Hungria, tendo sido devolvida à Romênia no fim da Segunda Guerra Mundial. Na primavera de 1944, os nazistas criaram o gueto na cidade, onde agruparam as comunidades judias da região antes da sua deportação para Auschwitz entre 17 e 23 de maio e junho de 1944.

Eu e meu pai trabalhávamos na indústria para ganhar no mês cinco quilos de farinha.^A



Área ocupada pelo gueto na cidade de Vișeu de Sus para onde foi levado Israel Apter e seus familiares em 1944. *The Museum of the Holocaust in Northern Transylvania*. Disponível em: <http://holocausttransilvania.ro/en/exhibits/show/ghetouri-si-lagare/ghetou-viseu>. Acesso em: 22 ago. 2020.

A- Em 1930, havia 3.734 judeus (33,7% da população total) em Vișeu de Sus. Aproximadamente o mesmo número de judeus vivia ali na primavera de 1944, quando as autoridades fascistas húngaras estabeleceram um gueto, no qual os judeus das aldeias vizinhas também estavam concentrados. Estima-se que cerca de 35 mil judeus passaram por esse gueto a caminho de Auschwitz. Após a Segunda Guerra Mundial, cerca de 700 judeus retornaram à cidade. Seu número diminuiu com a emigração e, em 1971, a comunidade judaica deixou de existir em Vișeu de Sus.

A gente perambulava pela rua para achar alguma coisa para trocar ou para comer, seja o que for. O problema todo era a fome e a falta de alimentos. Uma hora escutei que iam nos mandar para um lugar chamado Auschwitz. Entre nós ninguém sabia o que era, talvez os nossos líderes soubessem. Os vagões de gado chegaram e nos enfiaram lá dentro, nem sei quantas pessoas: quarenta, cinquenta, em cada vagão, quanto coubesse. Íamos partir sem saber para onde. Eu embarquei com meus pais, minhas irmãs e meu irmão casado, com filho, além de outros parentes e conhecidos. Como cada comunidade havia trazido a sua Torá*, logo a carregaram. A única coisa que minha mãe levou foi um pão, um pão comprido. Então ela me disse: “Pega isso aqui. Guarda bem e tente sobreviver”. Guardei bem o pão.

Do gueto de Viçeu de Sus para Auschwitz

Durante a noite, no meio do caminho, os nazistas começaram a atirar dentro dos vagões dos trens, deixando muitos feridos. Pura ruindade ou até mesmo para se divertirem. No trem foi muita choradeira e eu também queria morrer, queria que uma bala acertasse minha cabeça para morrer de uma vez, pois não aguentava o desespero das pessoas. Não sei quantos dias foram: um, dois, três dias. Um dia de manhã, chuvoso, chegamos ao lugar: Auschwitz.^A O trem parou. Era um trem de carga com duas portas, uma de cada lado. Abre-se um lado, os alemães entraram com os cães e cassetetes gritando: “*Juden, raus!*” [“Judeus, fora!”]. E começaram a bater. Abriram a outra porta e, do lado de fora, estavam empilhadas todas as coisas sagradas dos judeus, inclusive a nossa Torá! Tudo na chuva!

Era o fim da linha, não havia mais nada. Eu estava com treze para quatorze anos. Perdi-me de todo mundo. Fomos levados para um lugar onde estava o doutor Josef Mengele, que apenas indicava com o dedo: para cá e para lá.^B Quem iria para um lado e quem iria para o outro? Seus auxiliares eram prisioneiros judeus, os Capos. Estávamos prostrados. Foi quando um menino me falou: “Diga que você tem dezoito anos”. Eu retruquei: “Mas não tenho dezoito anos”. Aí ele disse que eu tinha que dizer “dezoito anos”.

A- Auschwitz foi um complexo de campos de concentração de trabalho e de extermínio construído em terras anexadas pelos nazistas ao sul da Polônia. Sua extensão era tamanha que ocupava três grandes campos: Auschwitz I-Stammlager, com funções administrativas; Auschwitz II-Birkenau, onde eram realizados os extermínios; e Auschwitz III-Monowitz, além de 45 outros campos de menores proporções.

B- Josef Mengele nasceu em Günzburg (Alemanha) em 16 de março de 1911. Obteve doutorado em antropologia e medicina pela Universidade de Munique, iniciando sua carreira como pesquisador. Ingressou no Partido Nazista em 1937 e tornou-se oficial da *Schutzstaffel* (SS) em 1938. No início de 1943 foi designado para atuar em Auschwitz, sendo um dos responsáveis pela seleção das vítimas a serem mortas nas câmaras de gás. Ali teve oportunidade de realizar pesquisas genéticas em seres humanos, focando principalmente nos prisioneiros gêmeos. Na plataforma, após o desembarque dos judeus, aqueles que eram considerados aptos ao trabalho eram admitidos no campo, e os considerados incapazes eram imediatamente mortos nas câmaras de gás. Mengele deixou Auschwitz em 17 de janeiro de 1945, pouco antes da chegada das tropas liberadoras do Exército Vermelho da URSS e, em julho de 1949, fugiu para a Argentina, em 1959 para o Paraguai e para o Brasil em 1960. Foi procurado pela Alemanha Ocidental, por Israel e por Simon Wiesenthal para ser levado a julgamento. Em 1979 morreu de ataque cardíaco enquanto nadava em Bertioga, no litoral de S. Paulo, sendo enterrado sob um nome falso. Seus restos foram desenterrados e identificados através de um exame forense em 1985.

Álbum de Auschwitz – 1944^A



Durante a primavera e o verão de 1944 desembarcaram em Auschwitz cerca de 400 mil judeus húngaros, entre os quais a família Apter. Nas fotografias, o momento do desembarque na plataforma.

Assim foi: mandaram-me para o outro lado, onde encontrei meu pai que me disse que queriam tirar a criança da minha mãe para ela ir trabalhar. Como ela não aceitou ir para o outro lado, barraram o meu irmão menor. Meu pai foi para a frente, mas ainda conseguiu avisar um nosso conhecido: “Cuida dele!” Em seguida sumiu. Meu pai tinha uns cinquenta e poucos anos. Naquela época, essa idade era considerada, praticamente, a idade de um velho.^B

Foi lá que vimos aquelas chaminés enormes, sem saber ainda o que eram. Ninguém sabia. Eles me colocaram de lado e, junto com um grupo, me levaram para tomar banho. Não podíamos voltar. Mandaram tirar a roupa, entrar e tomar banho. Nós

A- Álbum de Auschwitz: fotografias de Ernst Hofmann ou de Bernhard Walter, da SS, realizadas em maio de 1944, registram o processo de seleção dos prisioneiros em Auschwitz-Birkenau. O Álbum de Auschwitz contém 193 fotos e, apesar de incompleto, mostra alguns momentos do processo de seleção na plataforma onde os deportados, em apenas alguns segundos, eram selecionados por médicos membros da SS, entre os quais o Dr. Josef Mengele, para viver ou morrer. Sobreviviam à seleção apenas 10% dos presos que chegavam em comboios e desembarcavam primeiro em Birkenau, um imenso campo de extermínio que fazia parte do complexo de Auschwitz. Durante a primavera e o verão de 1944, ali desembarcaram cerca de 400 mil judeus húngaros, entre os quais a família Apter. As fotos foram recuperadas por Lilly Jacob-Zelmanovic Meier, uma sobrevivente dos campos da morte, que as doou para o Yad Vashem, em Jerusalém. Disponível em: https://www.yadvashem.org/yv/en/exhibitions/album_auschwitz/arrival.asp. Acesso em: 21 ago. 2020.

B- Segundo a Base de Dados do Yad Vashem, Moises Mendel Apter morreu em 1944 em Auschwitz. Testemunho registrado por Perel Apter Grinshpan em 21 de abril de 1999. Disponível em: <https://yvng.yadvashem.org/nameDetails.html?language=en&itemId=5619562&ind=1>. Acesso em: 24 ago. 2020.



Judeus recém-chegados dos Cárpatos-Romênia desembarcando do trem em Auschwitz, em maio ou início de junho de 1944. Álbum de Auschwitz.



Judeus submetidos ao processo de seleção na plataforma de Auschwitz-Birkenau, assim que chegaram. Prisioneiros com a roupa listrada auxiliam os recém-chegados, supervisionados pelas SS. Álbum de Auschwitz.



Após o desembarque em Auschwitz, prisioneiros fazem a triagem dos pertences trazidos pelos deportados, entre os quais estavam seus objetos sagrados, cena citada no testemunho de Israel Apter. Álbum de Auschwitz.

tomamos banho mesmo, mas outros tomaram banho com gás. Ninguém sabia. Tomei banho e corri para pegar o pão que trazia escondido na minha roupa. Me arrisquei, mas foi isso que me salvou. Durante três dias não recebemos comida, nem água, nem nada. Eu guardava aquele pão escondido, tirava um pedacinho e colocava na boca para derreter, pois não podia demonstrar que estava comendo. Todo mundo estava com fome, e podiam me matar.^A

De Auschwitz para Gross-Rosen

Estávamos no ano de 1944. Foi quando escolheram quinhentos e cinquenta pessoas para o campo de trabalho de Gross-Rosen, perto de Breslau, agora chamada de Wrocław, na Polônia.^B Ao redor de Gross-Rosen estavam diversos subcampos, sendo o nosso chamado Erlenbusch. Como os russos já vinham chegando, os nazistas fizeram fortificações de defesa. Lá havia uma enfermaria que atendia aqueles que estavam muito fracos, muito magros, machucados e que não

A- Segundo testemunho assinado por Perel Apter Grinshpan, irmã de Israel Apter, o pai morreu na câmara de gás: “Mendel Menakhem Moshe Apter nasceu em Borşa, Romênia, em 1890, filho de Zeev e Gitza. Ele era diretor de empresa e casado. Antes da Segunda Guerra Mundial, ele viveu em um lugar desconhecido”. Risse Apter, também irmã de Israel Apter, nasceu em Borşa, Romênia, em 1891, filha de Eke (Ethel) Saks Apter. Antes e durante a Segunda Guerra Mundial, ela morava em Borşa e também morreu assassinada na Shoah. Blime, sua irmã, morreu em Auschwitz.

B- O campo de concentração de Gross-Rosen (em alemão *Konzentrationslager Groß-Rosen*) foi construído pelos nazistas no verão de 1940 para servir de campo-satélite do campo de concentração de Sachsenhausen de Oranienburg. Estava localizado no vilarejo de Gross-Rosen, perto da então fronteira polonesa, na Baixa Silésia, hoje Rogoźnica, na Polônia. Usados no trabalho escravo, os judeus trabalhavam em troca de comida na grande pedreira da *Deutsche Erd- und Steinwerke GmbH*, uma empresa da SS de trabalhos forçados. No outono de 1940, o trabalho escravo na Alta Silésia foi assumido pela empresa Schmelt, sob as ordens diretas de Heinrich Himmler. Gross-Rosen tornou-se um campo independente em 1º de maio de 1941, projetando-se com um complexo de cerca de cem subcampos distribuídos em áreas próximas pela Alemanha Oriental, Tchecoslováquia e Polônia ocupada em 1944.

podiam trabalhar. Tinha também os jovens como eu, com saúde para trabalhar. A cada dois meses aparecia um SS para fazer o controle: mandava todos tirarem a roupa para inspeção; os mais fracos eram mandados para o crematório ou eram mortos e jogados em uma vala. Isso em janeiro de 1945.

A gente levantava às 4 ou às 5 horas, pegava café que era “chicória”, uma água, mas era quente. Gostoso, sem açúcar, sem nada. Só isso. Na manhã seguinte, mais café dessa “chicória” ou cevada queimada. Dava uma sensação de estar tomando café. Após o café, íamos trabalhar, e quando chegávamos à noite cada um recebia um prato de metal e uma colher que não podíamos perder. “Se perder, problema de vocês. Não vão comer. Vão comer sopa na mão” – diziam. Todo mundo cuidava desse prato e a colher como se fossem o “menino dos olhos”. De noite, havia uma sopa mais consistente, mais grossa; comíamos tudo, procurando não roubar do outro que passou fome o dia inteiro e comia para amenizar as coisas. Às vezes eu deixava um pedacinho de pão para o dia seguinte, bem cedo, para tomar com aquele café “bom”.

Na hora do almoço, quando estávamos trabalhando no campo, a gente recebia uma sopa rala, muito rala. Para deixar ela mais fofa com mais coisas, nós colocávamos grama para ficar mais consistente. Tudo que a gente achava que podia servir como comida, qualquer coisa, a gente colocava. Quando sobrava farelo no saco de pão, nós fazíamos uma espécie de “saquê”, uma “maravilha”, imaginem. Eu tentei fazer esse “saquê” aqui em casa, mas não ficou bom.

À noite, a gente recebia uma fatia de pão para dividir entre quatro pessoas e um pedacinho de margarina. Uma coisa interessante: para dividir não podíamos usar faca, então usávamos uma colher ou qualquer outra coisa, até chegar a hora do sorteio, pois saía sempre um pedaço pouquinho maior do que o outro. Aí todo mundo ficava sossegado.

Um dia de manhã, em janeiro de 1945, chegou um SS lá, falando em alemão: “Hoje vocês não vão trabalhar mais”. A gente escutava o barulho dos canhões na cidade, não muito longe, e à noite víamos os clarões das bombas. Ouvíamos dizer que os russos estavam perto, e assim a gente esperava a cada instante que eles entrassem. Enquanto isso, os alemães diziam: “Vocês pensam que vão ficar aqui para os russos libertar vocês? Podem esquecer. Hoje vamos embora daqui, levem seu prato e colher, isso, aquilo e tudo. Quem consegue

andar deve ficar de um lado, os doentes que acharem que não vão conseguir marchar, do outro lado”. A mesma história: pegaram aqueles que não podiam andar, levaram-nos cerca de quinhentos metros adiante e metralharam todos.

A Marcha da Morte: de Gross-Rosen até Bergen-Belsen

Aí começou a nossa caminhada indo de um lado para o outro, precisando voltar, pois os caminhos estavam fechados. Assim andamos a pé, não sei por quanto tempo. No meio do caminho, quem ficava para trás, uns vinte metros de distância, como era o caso dos mais velhos que também não conseguiam andar, levava uma bala. E que fizeram conosco, os mais jovens? Tiraram os pentes de balas das metralhadoras e as penduraram em nós para carregarmos. À noite, entrávamos em alguma fábrica que havia sido bombardeada, ou então



Entrada do campo de concentração, hoje restaurado como museu. United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <https://www.ushmm.org/learn/timeline-of-events/1942-1945/liberation-of-gross-rosen>. Acesso em: 15 out. 2020.

íamos dormir na neve. Às vezes, eles nos davam umas batatas cozidas para comer e, assim, chegamos perto da Praga.

De Praga continuamos a andar, passando por todo tipo de campo de concentração, e chegamos até Flossenbürg, um campo de extermínio e outros tantos. Eu também queria ficar para trás, pensando assim: “Vou andar para quê? Um dia mais, um dia menos, um dia... vão em matar, vão matar todo mundo”. Alguém me puxou e disse baixinho: “Não fica para trás... Vamos indo”.



Com o castelo de Flossenbürg ao fundo, oficiais da SS guardam os prisioneiros que trabalham na pedreira, c. 1944. Fotografia não identificado. Disponível em: <https://www.gedenkstaette-flossenbuerg.de/en/history/flossenbuerg>. Acesso em: 15 out. 2020.

Em um destes campos havia uma cozinha para os guardas do exército. Como não existia *freezer*, os alemães guardavam as batatas como uma pirâmide, colocando palha e terra em cima para não cair e estragar. A cozinha ficava no meio do campo, cercada com uma

proteção de arame farpado. E nós com aquela fome, olhando as beterrabas, as batatas! Um de nós conseguiu escapar à noite, pegou o que podia carregar e voltou para comer. Um dia, eles perceberam e começaram a atirar com metralhadoras. As batatas “pularam” e nós ficamos escondidos em baixo. Noutra vez, sabendo do nosso intento, eles nos esperaram e, quando saímos com as batatas, jogaram um cobertor em cima da gente, nos tiraram todas as coisas. A partir desse dia fiquei doente com tifo e não conseguia mais andar.

Até o momento que os alemães nos colocaram em um trem com vários feridos. O trem começou a andar e chegamos a Bergen-Belsen, no fim da linha: era um campo de extermínio. Estávamos cheios de piolhos. Ali vimos milhares de mortos empilhados, gente em baixo e em cima, em camadas, que foram queimados com óleo ou gasolina. Tocaram fogo, e assim foi.^A Quando eu cheguei ao Brasil, não podia nem sentir o cheiro de churrasco, eu fugia, pois o cheiro de carne queimada me dava ânsia. Lembro-me de que havia gente que se fazia de morto e ficava lá por horas, descansando no meio dos mortos. A gente, além do tifo, tinha diarreia. Eu dormia na cama de cima do beliche e não dava tempo de nada mais, cagava direto para baixo. Com tudo isso, não davam comida. Em um certo momento, percebemos que trocaram os guardas das guaritas que não eram alemães, mas húngaros. De repente, a gente viu passar uns tanques estranhos, desapareceram os guardas e entraram outros: eram os ingleses, que chegaram para nos libertar no dia 15 de abril de 1945.^B

A- Em janeiro de 1945 os soviéticos liberaram Auschwitz, o maior de todos os campos de concentração e de extermínio. Quando os soldados entraram naquele campo, os nazistas já haviam retirado a maioria dos prisioneiros, obrigando-os a marchar rumo ao oeste da Alemanha nas infamemente conhecidas “marchas da morte”. Nos meses seguintes, os soviéticos liberaram mais campos nos países Bálticos e na Polônia e, um pouco antes da rendição alemã, eles já haviam conseguido libertar os prisioneiros dos campos de Stutthof, Sachsenhausen e Ravensbrück. Forças norte-americanas liberaram o campo de concentração de Buchenwald em 11 de abril de 1945, poucos dias após os nazistas haverem iniciado sua evacuação, e, em seguida, liberaram os campos de Dora-Mittelbau, Flossenbürg, Dachau e Mauthausen.

B- Quando as tropas britânicas libertaram o campo de concentração de Bergen-Belsen em 15 de abril de 1945, elas encontraram milhares de cadáveres por enterrar. As mortes tiveram como causa as condições de superlotação, doenças e má nutrição. Grande parte de Bergen-Belsen foi deixada a baixo após a liberação, com receio do tifo e dos piolhos. Todos os blocos destinados aos prisioneiros foram incendiados em 21 de maio de 1945, restando apenas os antigos alojamentos dos SS, que serviram para abrigar refugiados até 1953. Hoje, o campo está aberto ao público, e contém um centro de visitantes e uma “Casa do Silêncio” para reflexão.

Vozes do Holocausto



Os alojamentos do campo de concentração de Bergen-Belsen (ao fundo), enquanto homens e mulheres do campo estão alinhados diante de uma vala comum para ouvir uma transmissão denunciando os alemães e o tratamento que dão aos prisioneiros. Bergen-Belsen, 21 de abril de 1945. United States Holocaust Memorial Museum, courtesy of Hadassah Bimko Rosensaft. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/bergen-belsen-key-dates>. Acesso em: 5 out. 2020.



Os corpos dos mortos jazem despojados de suas roupas e abandonados em montes no campo de concentração de Bergen-Belsen no dia da liberação, em 15 de abril de 1945. Fotografia No 5 Army Film & Photographic Unit, Morris (Sgt). Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d9/The_Liberation_of_Bergen-belsen_Concentration_Camp%2C_April_1945_BU3774.jpg. Acesso em: 5 out. 2020.

De Bergen-Belsen para a Suécia

Assim que as tropas britânicas entraram no campo de concentração de Bergen-Belsen em 15 de abril de 1945, começaram a jogar comida enlatada com gordura para os sobreviventes. Muitas vezes, me lembro de ter ossos muito grandes, pois estava muito magro. Eu era só ossos! Não peguei aquela comida, pois sequer conseguia me levantar e andar, caso contrário estaria morto também. Quando os ingleses perceberam o que acontecia, pararam de oferecer esses alimentos e começaram nos dar medicamentos para controlar o tifo e a diarreia. Os enfermeiros nos davam carvão com água para segurar a diarreia. Sim, carvão! Vocês já comeram carvão? Tratavam apenas aqueles que ainda poderiam ser salvos, matando primeiro os piolhos que, simplesmente, andavam. Trouxeram um talco branco com o qual desinfetaram as pessoas. Eu estava com o cabelo grande e andando com “quatro pés”. Enfim, quando me desinfetaram, os piolhos secaram. Fiquei parecendo uma árvore de Natal enfeitada com piolhos.

Fomos transferidos para os antigos hospitais do exército, onde fomos alimentados com um mingau. Devagarzinho, comecei me recuperar. Enquanto isso, tentavam localizar os consulados de acordo com a nossa nacionalidade para nos mandar embora para casa, mas eu não tinha mais casa, nem queria voltar; eu não tinha o que fazer.

Surgiu uma oportunidade: os doentes fracos e os mais jovens poderiam ir à Suécia. Bernadotte, neto do rei Oscar II da Suécia, liderou a missão que permitia entrar em seu país milhares de doentes para ali se recuperarem.^A Durante

A- Folke Bernadotte (Estocolmo, Suécia, 1895; Jerusalém, Israel, 1948) era filho do Conde Bernadotte Oscar de Wisborg (ex-príncipe Oscar da Suécia, duque de Goltland, e neto do rei Oscar II da Suécia). Durante os outonos de 1943 e 1944 ele organizou trocas de prisioneiros, e trouxe para casa 11 mil prisioneiros da Alemanha via Suécia. Enquanto vice-presidente da Cruz Vermelha sueca em 1945, Bernadotte tentou negociar um armistício entre a Alemanha e os Aliados. Também liderou várias missões de resgate na Alemanha pela Cruz Vermelha. Bernadotte atuou como negociador para uma operação de resgate dos internados noruegueses, dinamarqueses e outros presos da Europa Ocidental a partir dos campos de concentração alemães para hospitais na Suécia. A missão levou cerca de dois meses, expondo a equipe sueca da Cruz Vermelha a um perigo significativo, tanto devido às dificuldades políticas quanto pelo transporte através de áreas sob bombardeio aliado.

a guerra, a Suécia era neutra e acabaram com a Noruega, que não tinha “água pesada” ou *tungt vatten*, usada para fazer a bomba atômica. Os suecos aprenderam e passaram a industrializar, fazendo um acordo com a Alemanha com a qual mantinham vários negócios, incluindo a construção e consertos de navios. A Suécia tinha muita coisa e era-lhe vantajosa a neutralidade. Por exemplo, a SKF – *Svenska KullagerFabriken* (Fábrica Sueca de Rolamentos) é uma empresa multinacional sueca, líder mundial na fabricação de rolamentos, com sede na cidade de Gotemburgo, na Suécia. Não era tão boazinha: era conveniente que ela se mantivesse na neutralidade. A Alemanha também tinha interesse nessa neutralidade como estratégia de guerra. Portugal também era neutro, favorecendo o comércio do valfrânio aos alemães, auxiliando ingleses e alemães. Os alemães também queriam entrar na Índia, onde estavam os ingleses, em toda Ásia.

Sobre o nosso transporte para a Suécia, perguntaram se eu queria ir junto. Não tinha nada a perder, fui. Como não podíamos andar, fomos de ônibus/ambulâncias até o porto de Lubeck, na Alemanha, e de lá até Estocolmo, na Suécia. Depois seguimos para Mendal na Lapônia^A, onde ficamos em recuperação e recebemos aulas, pois a maioria era analfabeta. Escolheram os jovens e os que não puderam concluir o ensino, gente sem escolaridade, como na Romênia. De início, nos ensinaram um pouco de inglês e sueco, pois precisávamos falar de forma automática, no dia a dia. Fomos, também, até um campo construído pelos alemães que ocuparam a Noruega. A coroa dinamarquesa pagou tudo, e o próprio rei, Gustav V (1907-1950), atuou para salvar os judeus.

A- A Lapônia é uma região no norte da Escandinávia que abrange os territórios de quatro países: Noruega, Suécia, Finlândia e Federação Russa. Cerca de 80 mil a 100 mil lapões (*sámi*) vivem numa área de 390 mil quilômetros quadrados, juntamente com suecos, noruegueses, finlandeses e russos. A província sueca mais setentrional é a Lapônia sueca (*Lappland* em sueco).



“Ônibus brancos” (em sueco: *Vita bussarna*) foi uma operação realizada pela Cruz Vermelha sueca e dinamarquesa na primavera de 1945 para resgatar prisioneiros em áreas sob o controle nazista e transportá-los para a Suécia, um país neutro. Os ônibus foram pintados de branco com cruzeiros vermelhas para não serem confundidos com veículos militares. Cortesia Cruz Vermelha. Disponível em: <https://zheit.com.br/post/vita-bussarna-os-onibus-brancos>. Acesso em: 23 ago. 2020.





Trajetos percorrido por Israel Apter desde Borșa (Romênia) até Estocolmo (Suécia).
Google Maps.

Na Lapônia, durante o inverno, a neve chega a oitenta centímetros ou até um metro, e os lagos ficam congelados. Para se locomover precisamos aprender a usar esqui e bicicleta. Frequentei a escola durante um ano, além de trabalhar em confecções, graças à ajuda do sindicato, pois naquela época faltavam roupas. Assim, a Suécia começou a fabricar essas coisas e ganhou muito dinheiro. À noite, entrei para uma outra escola para aprender a falar o sueco. Os suecos eram loiros, e eu tinha cabelo preto. Eles não gostavam muito de estrangeiros, mas toleravam.

Gosto muito de ler livros de história. Em 1947, quando ainda estava na Suécia, naquele campo na Lapônia, um rapaz que morava comigo retornou para a Romênia, para a mesma cidade onde uma das minhas irmãs morava antes da guerra. Dei-lhe o meu nome, o nome do meu pai e o endereço da minha família na Romênia, e pedi que procurasse por eles dizendo que eu estava lá, na Suécia. Assim fez: foi até a sinagoga e pendurou meu pedido escrito em letras vermelhas em uma porta. Meu cunhado, que estava lá, ligou para um outro irmão que morava em outra cidade. Minha irmã, mais velha do que eu, sabia o endereço dos outros irmãos. Até então, eu pensava que era o único da família com vida. Eles ligaram

para a minha outra irmã que estava em Modena, na Itália, que depois me ligou. Naquele tempo, uma ligação telefônica, mesmo de S. Paulo ao Rio, era difícil, levava horas.

Depois recebi uma “chuva” de cartas, entre as quais havia uma da minha irmã dizendo que a turma da Romênia havia ido para Israel, ainda ocupada pelos ingleses que pretendiam o domínio desse espaço. E eles precisavam de ajuda. Até o final da Primeira Guerra, quando a guerra era por trincheiras, a Palestina estava nas mãos do turcos – Império Otomano, passando depois a ser um Protetorado britânico.

Neste momento, o cientista e sionista Chaim Weizmann, nascido na Bielorrússia (1874-1952), achou que conseguiria negociar um espaço para os judeus na Palestina. Há 25 anos, Weizmann obtivera a Declaração de Balfour (Balfour na época era ministro do Exterior da Inglaterra). Outros Estados surgiram, entre os quais a Jordânia, cujo rei era Hashemite Abdallah. Na Palestina, os ingleses proibiram a imigração judaica, mas pouco a pouco os judeus foram entrando clandestinamente. Se presos, eram enviados para a Ilha de Chipre. A criação do Estado de Israel foi oficialmente anunciada em 14 de maio de 1948, e Chaim Weizmann, um cientista, tornou-se o primeiro presidente de Israel. Parte da minha família ficou em terras do Estado de Israel, e uma outra parte foi presa e enviada para Chipre. Em 1948, quando tudo foi liberado em Israel, eles se instalaram inicialmente em barracas, e por lá ficaram, onde residem até hoje com suas famílias. Minha irmã Sara deu o seu depoimento ao Spielberg.

A caminho do Brasil

Como eu estava solteiro, saí em busca de um visto para o Brasil. Tentei pela embaixada do Brasil na Suécia que, todas as vezes, pedia o contrato de trabalho, como a lei brasileira exigia. Desde a época de Getúlio Vargas não era permitida a entrada de judeus no país. Um amigo chamado Victor Shange – parece nome de *goy**, mas era polonês – sugeriu que eu fosse para Estocolmo, onde recebemos convite para trabalhar no teatro iídiche. Foi aí que virei artista, isso em 1952. O Brasil não precisava de mais um artista, mas a secretária dele, que gostou de mim, disse: “Ele tem todos os requisitos, ele pode ir. Deve voltar depois

367356

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino.

Nome por extenso: Israel Apter
Admitido em território nacional em caráter: temporário
Nos termos do art. 7.º da Lei de 7967, de 1945
Local e data de nascimento: Roma, Romênia, 16/12 1928
Nacionalidade: romeno Estado civil: solteiro
Filiação (nome do Pai e da Mãe): Mendel e Ethel Apter
Profissão: artista

Residência no país de origem: _____ CIDADE: _____ SEXO: _____

FILHOS MENORES DE 18 ANOS: _____

Passaporte n.º: 08603 expedido pelas autoridades de Estocolmo
Comissão: 27.1.1950 data: 27.2.1950
Visto sob n.º: 82

Assinatura do portador: Israel Apter

Assinatura do Conselheiro: [Assinatura]

2 de março de 1953

O CONSUL: [Assinatura]

Ficha consular de qualificação de Israel Apter com visto temporário concedido pela Legação do Brasil em Estocolmo (Suécia) em 2 de março de 1953. Acervo: Arquivo Nacional/RJ/; Arqshoah/Leer-USP.

de um mês e pouco”. Por que não? Isso facilitou minha entrada e a liberação do visto em março de 1953 pela Legação do Brasil em Estocolmo. No entanto o visto era temporário.

Naquela época a viagem para o Brasil era feita de navio. Comprei passagem de trem até Gênova e, de lá, embarquei para o Brasil no navio Anna C. Desembarquei no porto de Santos no dia 24 de abril de 1953, um mês depois. Nessa época eu tinha vinte e dois anos, cheguei a S. Paulo e fui andando. Terminei morando em São Paulo, no Bom Retiro, em uma rua pequeninha, a Salvador Leme, 393. Meu cunhado Leon Kaminker, casado com minha irmã Sara Kaminker, me mostrou como se ganhava dinheiro: andando e vendendo coisas na rua. Assim fiz, até que conheci minha futura esposa, fiquei noivo, casei e por aqui fiquei. Minha falecida esposa chamava-se Sara (Katz) Apter, nasceu em Lençóis Paulista, com quem tive cinco filhos: Sara Katz Apter, a “Sarinha”, Isac Léo, Benjamin, Edith e Raquel. Foram quarenta e cinco anos de convivência. Infelizmente, ela faleceu de câncer. Essa casa aqui foi toda decoradora por ela.

Eu ia trabalhar com confecções, mas o destino não deixou, pois eu não tinha dinheiro para comprar e encher duas prateleiras de confecção. Pensei: madeira, madeira. Trabalhar com móveis é outra coisa. Assim, comecei a trabalhar com o dinheiro que tinha, fiz uns armários, mais outro e outro, pois naquela época era barato, enchia-se um salão. Primeiro trabalhamos com uma clientela fixa e, depois, fui trabalhar na rua vendendo móveis, guarda-chuvas, relógios. Enfim, tudo o que o freguês queria, a gente arrumava. Então abri um negócio, e a Sara, minha futura esposa, me ajudava. Ela ficava na loja e eu ia vender



Casamento de Israel Apter com Sara (Katz) Apter. S. Paulo, s.d.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Apter/SP; Arqshoah/Leer-USP.

na rua. Assim, em pouco tempo, consegui ganhar dinheiro e trabalhar com confecção. Tornei-me comerciante, mas também mantinha uma indústria de móveis no Grande ABC. Chamava-se Estar Móveis, aberta em 1952, instalada inicialmente na Rua Coronel Alfredo Fláquer, e que em 1975 se mudou para a Rua Jurubatuba. Agora estou aposentado, ajudando as minhas filhas.^A



Israel Apter rodeado pelos filhos Edith, Raquel e Benjamin no espaço da loja Estar Móveis, 2016/2017. Fotografia não identificado. Acervo: Apter/SP; Arqshoah/Leer-USP.

A- No fim da década de 1960, S. Bernardo do Campo começou a atrair as lojas de móveis que hoje marcam sua paisagem. Entre elas está a Estar Móveis, aberta em 1952 pelo romeno Israel Apter. A loja foi instalada inicialmente na Rua Coronel Alfredo Fláquer, em Sto. André, e se mudou para a Rua Jurubatuba em 1975. Atualmente, Edith Apter Diesendruck e sua irmã Raquel Apter Fogelman cuidam da loja, mantendo-se no mercado de móveis, sempre se adaptando às tendências. Tanto que “estamos indo para a terceira geração da família no comando da loja”, disse Edith, falando sobre o filho Ian Diesendruck, que também atua na empresa, agora com duas filiais em S. Paulo. “Rua Jurubatuba aposta na tradição e modernidade”, por Yara Ferraz. *Diário do Grande ABC*. Sto. André, 21 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/3459269/rua-jurubatuba-aposta-na-tradicao-e-modernidade>. Acesso em: 24 ago. 2020.

Entre tristezas e alegrias, uma nova família

Poucas lembranças eu guardo de minha pátria de origem, pois eu era pequeno e de lá só restou tristeza de tudo, de tudo. Hoje tenho 83 anos e pensei em visitar a minha cidade natal em companhia da Edith, minha filha. Muito triste a minha vida, pois já passei por muitas coisas. Para mim a pior passagem pela Shoah* foi em Bergen-Belsen. Aquele campo era um inferno, tudo o que se pode imaginar de ruim lá existia. Vocês não podem nem imaginar como era. Às vezes, quando penso “Como eu escapei daquilo?”, não acredito. Não gosto de ficar contando para os meus filhos, mas eles sabem o que passei. Nunca recebi nada da Alemanha, nenhuma indenização. Minha família perdeu todos os bens, eu deixei de estudar, deixei tanta coisa que foi tomada por eles. Eu acho que o que os nazistas fizeram conosco não há dinheiro algum que pague. Não recebi nenhum tostão e nem quero nenhum tostão da Alemanha. Não é dinheiro que irá melhorar a história e sim o que o mundo irá ser no futuro.



A família de Israel Apter, sobrevivente do Holocausto, comemorando a vida.
S. Paulo, s.d. Acervo: Apter/SP; Arqshoah/Leer-USP.

